DESVENDANDO OS SUICÍDIOS EM ALAGOAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alanna Pereira Ramalho de Freitas[1]

Martin Ramalho de Freitas Leão Rego[2]

RESUMO: O presente trabalho tem por fim a construção de diretrizes para formar um modelo de intervenção acadêmica. Tem-se como problemática inicial as crescentes tentativas de suicídios registradas pelo sistema de saúde alagoano. Constatou-se, em pesquisa bibliográfica, uma tendência global ao crescimento dos casos de suicídio em todo o mundo, já sendo considerada a principal causa de mortes violentas. Verificou-se também que tal tendência se insere na lógica estrutural das sociedades hodiernas, conforme estudo dos sociólogos Émile Durkheim e Zygmunt Bauman. Assim, entendeu-se pela necessidade de se intervir nos espaços escolares, por sua primazia na formação das gerações de cidadãos, e por atingir um grande grupo populacional em razão do contato com seu entorno comunitário. Portanto, concluiu-se pela imprescindibilidade de uma assistência multidisciplinar voltada aos jovens da educação básica, de modo a permitir que tenham consciência e ajam proativamente em prol da prevenção ao suicídio.

Palavras-chave: Suicídio. Alagoas. Educação básica.

INTRODUÇÃO

A presente proposta de intervenção tem por escopo o estreitamento de relações entre a Academia e a sociedade, pautando-se pela dialeticidade, através do qual se pretende tratar os integrantes desta tanto como pacientes quanto como sujeitos ativos plenamente capazes de corroborar com o bem-estar dos demais. Assume-se, assim, um pressuposto pautado pela superação de perspectivas verticais na relação entre os acadêmicos de saúde e seus pacientes, uma vez que se passa a considerá-los sujeitos ativos interventores no bem-estar do próximo, tanto de modo positivo, quanto de modo negativo.

Nesse sentido, incube aos operadores das ciências da saúde encontrar meios estratégicos para utilizar da constante interferência intersubjetiva entre os integrantes da sociedade em prol de um enfrentamento eficaz das enfermidades e demais problemas de saúde. Dito de outro modo, institui-se como objetivo a inversão do papel de sujeito passivo

[1] Especialista em Gestão Clínica nas Regiões de Saúde, Coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL. E-mail: alannaafreitas@hotmail.com.
[2] Graduando em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), conciliador da Justiça Federal em Alagoas (JFAL). E-mail: martinramalho1@gmail.com.

individual para o de cooperador com o bem comum, isto é, alguém que corrobora com o a própria incolumidade mental e física, ao passo que corrobora com o do próximo.

Logo, ao se enfrentar a problemática do crescimento de suicídios no Brasil, conforme Christante (2010, p. 30-35), o simples estudo da realidade social não possuiria, por si só, o condão de prover nela substanciais alterações. Restaria a tais contribuições científicas impelir e contribuir com a efetividade de políticas públicas de saúde.

Para além de tais iniciativas acadêmicas de eficácia mediata, propõe-se aqui uma atividade de ação direta em campo, sem, contudo, implicar a perda do caráter científico. Busca-se, assim, associar uma investigação social à realidade que se está estudando, de modo que a partir dos sujeitos investigados se ratifique a verossimilhança ao passo que a eles próprios se aproveite, de modo imediato, os saberes adquiridos. Tal juízo se respalda pela natureza psicossocial do suicídio que, em âmbito sociológico, se associa a representações sociais, em que todos os indivíduos agem simultaneamente como usuários e produtores (BECKER, 2009, p. 37).

Dado o exposto, biparte-se a proposta de intervenção em duas etapas. A primeira se daria em plano abstrato, relativa à reunião de saberes advindo de investigações científicas já realizadas, de modo a consolidar uma base de conhecimento sobre o suicídio enquanto fenômeno macrossocial, de abrangência global, e de expressiva presença no Brasil. Destarte, a segunda se daria em plano concreto, limitado a um campo de atuação definido, de modo a subsumir saberes gerais a realidades particulares, fazendo seus sujeitos dialogar com tais perspectivas, retificando-as, ratificando-as ou com elas aprendendo.

Assim, tendo-se como referencia o contexto alagoano, busca-se integrar tais propostas gerais com as particularidades da região, trazendo para o projeto contribuições de escritos acadêmicos e dados públicos que versem especificamente sobre sua realidade sócia, observando-se suas vulnerabilidades, necessidades e prioridades.

1 O SUICÍDIO COMO FENÔMENO SOCIAL MACROSSOCIOLÓGICO

Evidenciado o caráter eminentemente social do fenômeno suicídio, utiliza-se como meio cognitivo para sua investigação a associação de saberes da psicologia social com a macrossociologia, de modo a estudar condutas que, embora se deem em âmbito individual e por motivações personalíssimas, sejam observadas reiteradamente, em quantidade crescente,

em diversas sociedades da contemporaneidade. Logo, em razão de sua manifestação coletiva, integra-se o seu estudo a modelos de teoria social, partindo-se do pensamento de um dos pioneiros dessa modalidade científica, Émile Durkheim (1999 e 2000), contemplando a evolução social humana a partir dos estudos de Zygmunt Bauman (2001 e 2004). Aos escritos destes autores, soma-se o de outros estudiosos que já publicaram sobre o tema em periódicos ou outros meios nacionais de publicação.

A partir das contribuições de Durkheim (1999) deduz-se que a ordem em sociedade se dá a partir da ideia de coesão que, por sua vez, se condiciona a observância de normas morais de conhecimento comum, cujo conjunto formaria a chamada consciência coletiva. Entretanto, o processo de evolução da civilização humana trouxe, de modo paulatino, a complexidade às relações humanas, algo observável em todos os setores, como o político, econômico, social, familiar e laboral. A esse fenômeno, associa-se a ideia de solidariedade orgânica ou por diferenciação, na qual a multiplicação dos papeis sociais impele cada indivíduo a encontrar um papel bem definido e, em certa medida, fixo, desprovido de variedade. Conforme o autor, ao se colocar tal fenômeno moral na forma de hiperativo categórico, ter-se-ia o enunciado: "coloca-te em condições de cumprir proveitosamente uma função determinada" (DURKHEIM, 1999, p. 6).

A partir de tal teoria social, são fornecidos alguns subsídios para estudo de fenômenos particulares, especialmente quando se confronta consciências individuais dissidentes com a chamada consciência coletiva, ocasionando situações de anomia ou antinomia, o que enseja as chamadas condutas desviantes (LIMA, 2001, p. 185), rol no qual se inclui o suicídio. Ciente disto, o próprio Durkheim (2000) dedicou longo tempo de estudo ao suicídio, registrado suas descobertas em uma obra voltada especificamente a esse tema. Assim, avaliando-se levantamentos estatísticos e estudos sociológicos em sua nação, o sociólogo desenvolveu quatro classificações:

O *suicídio altruísta*, pautado pela excessiva integração social, por normas morais desmedidamente cogentes, levando um sujeito, em razão do papel social que desempenha, a se distanciar de sua individualidade e agir sob a orientação quase exclusiva de uma lógica coletivista. Nesse contexto, o suicídio surgiria não só como um sacrifício honroso da própria vida, como também um dever moral de agir em defesa dos valores sociais que se tenta resguardar.

No sentido oposto, encontra-se o *suicídio egoísta*, que, por sua vez, decorre da deficiente integração com a coletividade, de modo que a coesão do sujeito com seus pares não

se dão de modo harmonioso. Nesse cenário, no momento em que tal distanciamento implicasse a perda do sentido de se existir em sociedade, recaindo sobre sua autonomia individual a função integrativa que antes era da coletividade. Uma maturação de tal pensamento é realizada pelo sociólogo Robert K. Merton (2002, p. 209-211), ao destacar o papel do meio cultural em incutir no imaginário individual metas de vida social, ao passo que não se fornecer caminhos legítimos para o seu efetivo alcance.

Por outro lado, para além da integração social, problemas na regulação social poderiam também figurar matrizes da conduta suicida. Seriam estes os casos do *suicídio anômico* e do *suicídio fatalista*. Este se daria pela regulação excessiva, em que a carência de liberdade tornaria insustentável conviver em um contexto de elevada coação e restrição de conduta. Em oposição, aquele se daria pela ausência de normas reguladoras, de modo que houvesse uma perda de referencial regulatório para as condutas cotidianas, fazendo os indivíduos suportar uma vida desprovida do sentido social ao que outrora fora acostumado.

Sobretudo em relação a estas últimas categorias, Durkheim relaciona a conduta suicida a uma escolha pautada pela insatisfação extrema com a vida que se leva em determinado contexto, visto que "só pode ser feliz, ou até só pode viver se suas necessidades têm relação suficiente com seus meios. Caso contrário, elas exigem mais do que pode ser oferecido, ou simplesmente algo diferente, estarão constantemente em atrito e não poderão funcionar sem dor" (DURKHEIM, 2000, p. 311).

Ressaltada a relação do crescimento de suicídios com os descompassos do progresso social, verificada a continuidade estatística dessa tendência, é com os escritos do sociólogo Zygmunt Bauman (2001) que se evidencia a contemporaneidade de tais teses. Nessa perspectiva, a modernidade, pautada pelo progresso industrial e tecnológico, enfrentaria a degradação de seus valores antes tidos como rígidos, conforme se leciona: "os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos" (BAUMAN, 2001, p. 6). Por essa razão, o período que sucede este, comumente chamado de "pós-modernidade", é por esse autor chamado de "modernidade líquida".

Assim sendo, as principais características deste tempo seria a incerteza, a insegurança, a falta de confiança no próximo, a fragilidade dos relacionamentos que, cada vez mais, seriam pautados pela superficialidade e deslocamento à individualidade. Conforme ressaltado por Bauman (2004), estariam se enfraquecendo até mesmo os laços de afetividade tidos como mais fortes aqueles decorrentes do parentesco e da família. Nesse cenário, prejudicam-se

todos os desdobramentos da ideia de solidariedade, empatia, colocar-se no lugar do outro e por ele zelar como se o fizesse a si próprio. Indo além, o autor estabelece ainda que a força da estima por si mesmo (amor-próprio) tem sua matriz na estima que se recebe do próximo, como uma força que se fortalece pela reciprocidade, pela correspondência.

Logo, ante o distanciamento dos indivíduos que passariam a ter suas relações sociais intermediadas pela tecnologia ou por estruturas impessoais, torna-se inevitável o afastamento das pessoas, que passam a negar amor (em sentido amplo) aos demais e, por consequência direta, negando igualmente a si próprio. Assim, as lacunas deixadas por tais sentimentos passariam a ser supridas, de modo parcial, por construções formais, elementos que indicariam felicidade, satisfação ou realização pessoal.

Nesse sentido, considera-se como ponto de partida para o estudo do suicídio sua natureza de fenômeno social. Está pautado pela dificuldade de adaptação individual frente ao modelo de estrutura social que a cada um se impõe, incluindo-se as limitações dos papeis e representações sociais lhe são externamente impostas, de modo coercitivo, cujo aceite e observância condiciona a plena integração com a coletividade.

2 O CRESCIMENTO DA IDEAÇÃO SUICIDA NA CONTEMPORANEIDADE

Como visto, os percursos da sociologia moderna para a formação de uma teoria social da contemporaneidade indicam uma tendência à desagregação subjetiva, através da qual as pessoas sentem-se isoladas, sós ou sem amparo afetivo mesmo em meio a uma crescente rede de comunicação em todo o Globo. Enfocando-se no suicídio, enquanto fenômeno social, observa-se que dados empíricos, de cunho estatístico, ratificam a perspectiva teórica inicial.

Ao se investigar a saúde pública, sobretudo pela égide das causas sociais no processo saúde-doença, observa-se uma evolução na taxa de mortalidade, sendo estas atualizadas conforme estatísticas internacionais, evidenciando, sobretudo no Brasil, a existência de suicídios que podem ser compreendidos por idade, sexo e grupos sociais (RIBEIRO; MOREIRA, 2018, p. 2821). Sobre tais grupos sociais, considera-se o segmento jovem o mais estratégico a esta investigação, por sua suscetibilidade a intervenções psicopedagógicas.

Tal perspectiva teórica atinge seu ápice de verossimilhança ao se constatar que, em todo o mundo, a primeira causa de morte por atos de violência não são os acidentes de trânsito, os homicídios nem os conflitos armados, mas o suicídio (CHRISTANTE, 2010, p.

31). Dito isso, a autora define, de modo sistemático, como tal fenômeno se dispõe pelo tempo e espaço, conforme exposto nas duas imagens abaixo.

*IMAGEM 1: GRÁFICO DO SUICÍDIO POR GÊNERO, EXTRAÍDO DO TEXTO DE LUCIANA CHRISTANTE (2010, P. 35).

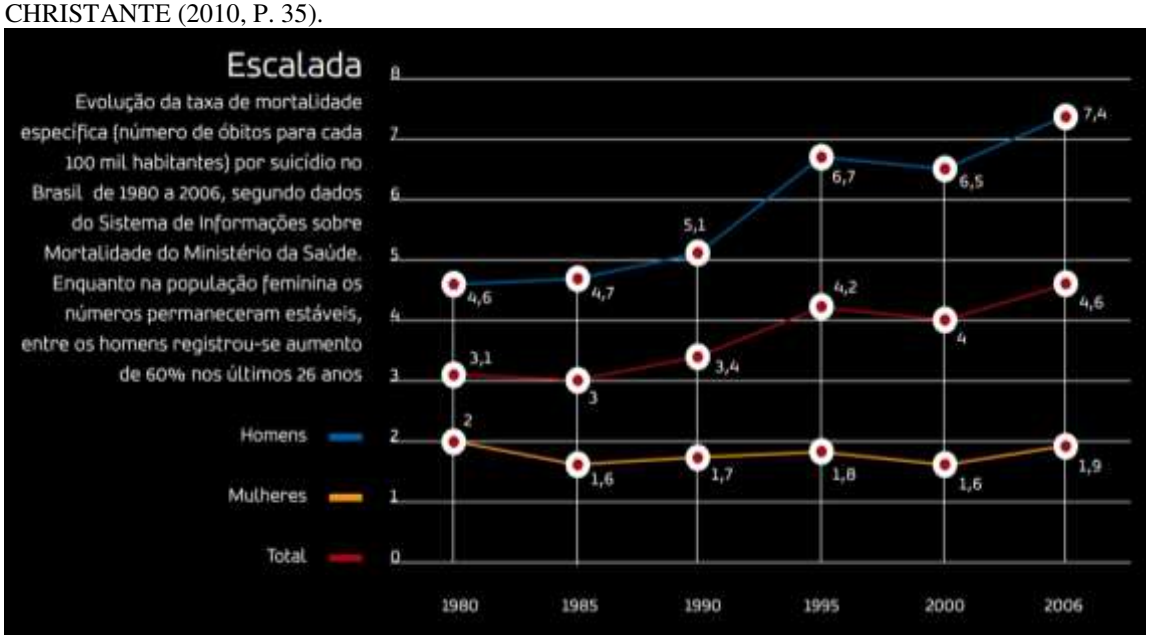
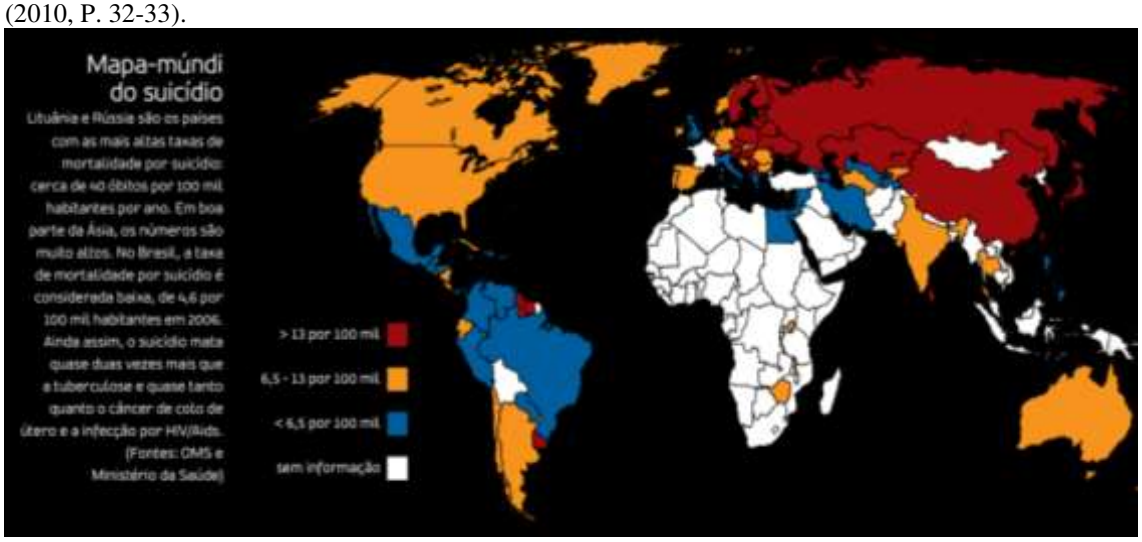


*IMAGEM 2: MAPA-MÚNDI DO SUICÍDIO, EXTRAÍDO DO TEXTO DE LUCIANA CHRISTANTE (2010, P. 32-33).



Em face de tal cenário mundial, o principal grupo etário afetado pelo crescimento vertiginosos dos suicídios seria o dos jovens. Contudo, a autora ressalta que "apesar de ser um fenômeno complexo, que envolve fatores sociais, psicológicos e genéticos, é possível prevenilo de um modo simples e eficaz" (CHRISTANTE, 2010, p. 31). Essa prevenção, quando dirigida ao público juvenil, deve, necessariamente, perpassar pelas instituições de educação

básica, sejam públicas ou privadas, responsáveis por oferecer instrução de grau infantil, fundamental e médio.

Destarte, outros estudos indicam que a ideação suicida não tem apresentado diferenças significativas entre os países, demonstrando que "os adolescentes do mundo todo estão necessitando de ajuda para evitar que suas vidas sejam perdidas" (MOREIRA; BASTOS, 2015, p. 451). Os autores ressaltam ainda que, nas diferentes culturas, inclusive a brasileira, as prováveis motivações do suicídio estariam vinculadas a conflitos familiares, exposição à violência, uso abusivo de álcool e drogas e transtornos mentais, estando a matriz da ideação suicida sinalizada, na maioria dos casos, por sintomas depressivos.

Nesse sentido, Alagoas não poderia representar uma exceção ao crescimento às condutas autodestrutivas. Diariamente, são registradas diversas ocorrências de tentativa de suicídio no Hospital Geral do Estado (HGE), conforme dados recolhidos pela autora no sistema de gerencia da instituição.

*IMAGEM 3: TABELA CONSTRUÍDA A PARTIR DE DADOS OFICIAIS RECOLHIDOS PELA AUTORA NO SISTEMA DE REGISTRO DO HOSPITAL GERAL DO ESTADO DE ALAGOAS (HGE/AL).

Tentativas de suicídio registradas no HGE				
Meio utilizado	**2016**	**2017**	**2018**	**2019**[3]
Afogamento	0	5	0	1
Arma branca	13	16	26	24
Arma de fogo	2	2	3	2
Atirar-se contra carro em movimento	0	6	2	4
Comprimidos	110	146	148	203
Cortar os pulsos	16	24	31	26
Enforcamento	7	8	11	9
Fogo	1	5	0	1
Ingestão de produtos químicos	32	33	30	23
Pular de altura	7	8	12	6
Veneno	91	64	74	83
Não esclarecida	14	7	19	11
Total	293	324	356	393

[3] Por se tratar do ano de elaboração do trabalho, ressalta-se que os dados apresentados se referem a registros até a data de 27 de Novembro de 2019.

Como visto, nos últimos quatro anos, um montante médio de mais de três centenas de suicídios tentados, por cada ano, indica uma incidência crescente que atinge um percentual elevado para uma das menores unidades da federação em termos populacionais. Para além da média elevada, os números absolutos de tentativas efetivas de suicídio registradas demonstram um crescimento bastante íngreme, chamado atenção o percentual de 25,5% de acréscimo no intervalo de apenas quatro anos (2016 a 2019). Por outro lado, há de se ressaltar que, em realidade, a situação social do estado seria muito mais crítica, visto que os há casos de suicídios que não chegam ao conhecimento da instituição hospitalar.

Outro aspecto importante revelado pelos dados é a preferência daqueles que pretendem se suicidar, por meios menos violentos, muitas vezes menos dolorosos, caracterizado por ser o ato que mais se distanciaria da ideia de causar a própria morte. Correspondem a estas a ingestão de comprimidos, veneno e produtos químicos que, juntas, representam 76% de todas as tentativas registradas.

A causa dessa busca por um rompimento indolor da continuidade da própria vida estaria associada a um forte sentimento de insatisfação com a coexistência em sociedade, o que se externaria por condutas como ansiedade, depressão, isolamento social, problemas somáticos, problemas sociais, problemas de pensamento, problemas de atenção, quebra de regras, comportamento agressivo, problemas internalizantes e externalizantes (FARIA, 2014). Algo que se traduz na ideia de que as dores internamente suportadas pelo indivíduo seriam superiores aos prazeres de viver, de modo que não se tornaria mais atraente suportar aquelas em prol destas.

Portanto, em todos os meios utilizados, sejam dolorosos, violentos ou indolores, representam a necessidade de se findar uma situação insuportável a ponto de se desenvolver coragem para se optar pela morte voluntária. Sobretudo os meios mais dolorosos ou que exijam maior participação do sujeito ativo, que correspondem a ¼ dos casos registrados, indicariam um contexto ainda mais difícil de suportar.

3 DIRETRIZES PARA ESTRUTURAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO ACADÊMICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Como visto, o suicídio é um fenômeno macrossocial de presença cada vez mais forte na realidade social alagoana. Os registros de suicídios tentados pela rede estadual de saúde

revelam um crescimento extremamente acelerado, mesmo dentre uma população pouco densa. Assim sendo, essa é uma problemática cujo enfrentamento imprescinde do contato direto com o público que representaria a matriz da conduta suicida, os jovens. Desataca-se, desse modo, que estes estariam em uma fase de formação sociocultural na qual tanto se poderiam identificar os elementos estruturais que favorecem o suicídio quanto se enseja intervir em prol de suas supressões.

Como ponto de partida, define-se que a primeira problemática a ser enfrentada seria o tabu quanto ao fim da vida, visto que as pessoas não gostam e não querem ouvir falar, ou tampouco elas mesmas falarem sobre a morte. Dentro disso, uma morte voluntária remeteria a um problema ainda maior para fins de discussão (NETTO, 2013 p. 16). Assim, entende-se por mais adequado o caminho proposto por Scavacini (2018), em sua tese de doutorado, em que são definidas três etapas para a formação da ideia geral do suicídio como um problema comum: a compreensão (condição), a conscientização (interação) e a ação (consequência).

Primeiramente, na etapa referente à *compreensão*, busca-se permitir aos jovens em situação escolar a compreensão geral da problemática associada ao suicídio, sua dimensão global e previsão de crescimento contínuo. Assim, objetiva-se romper com o estigma que envolve o tema, demonstrando a necessidade assente de sua ampla discussão, iniciando-se pelas escolas, de modo a, por meio dos vínculos intersubjetivos de cada aluno, atingir as demais instancias sociais.

Em sequência, na etapa referente à *conscientização*, propõe-se um aprofundamento na temática, de modo a gerar uma efetiva conscientização dos jovens, de modo a torná-los multiplicadores dos saberes de identificação e prevenção ao suicídio. Pontua-se que "aumentar a consciência pública não é só prevenir o suicídio, mas também promover mudanças de atitude; para muitos, o suicídio continua sendo uma ficção até acontecer" (SCAVACINI, 2018, p. 9).

Por fim, na etapa referente à *ação*, uma vez superadas as fases anteriores de intervenção acadêmica, propõe-se levar lições preliminares de prática, isto é, meios de se lidar com pessoas suspeitas de intenção suicida. Desloca-se, assim, para os próprios sujeitos o papel de interventor e garantidor da saúde mental, na medida em que se ensina ser solidário com próximo e consigo mesmo ser mais cuidadoso.

Destarte, cabe definir a composição do grupo ideal a se operar a intervenção acadêmica. Autores como Moreira e Bastos (2015); Olimpio e Marcos (2015); Erse e outros

(2016) convergem pela ampla interdisciplinaridade do grupo de atuação escolar, envolvendo não só profissionais da saúde, como também da educação:

> É importante que os profissionais da educação, em conjunto com outros profissionais como médicos, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais, participem de programas de capacitação continuada, além do planejamento de ensino anual, que vise à otimização da comunicação entre os atores escolares em assuntos relacionados à vida, morte, sofrimento, depressão e condutas autodestrutivas nessa população (MOREIRA; BASTOS, 2015, p. 451-452).

Nessa perspectiva, a intervenção será tão mais efetiva quanto mais completa for a equipe de profissionais integrantes. A razão disto se deve a complexidade das necessidades humanas, sobretudo dos jovens, momento crucial para a formação e desenvolvimento da personalidade social, o que, na maioria das vezes, implica em vulnerabilidade e necessidade de maior atenção.

Assim sendo, a interação com o público jovem também tornaria imprescindível se adaptar a linguagem técnica e os meios de ensino de modo a otimizar o aprendizado e ensejar uma boa recepção da iniciativa intervencionista. Assim, deve-se priorizar os meios lúdicos, que façam uma correlação direta e de fácil percepção com a realidade dos sujeitos cognoscentes, mostrando-se relevantes ao seu contexto social e, por consequência, sendo digno de atenção.

Portanto, o desenvolvimento e finalização da intervenção aqui proposta orienta-se metodologicamente pelo percurso da pesquisa-ação (TRIPP, 2005, p. 446), categoria investigativa pautada pelo ciclo composto pela prévia investigação teórica, planejamento de atividades, implemento das atividades planejadas, registro dos resultados e comparação com a perspectiva teórica inicialmente desenvolvida. Desse modo, pode-se repetir o processo, aperfeiçoando-se os saberes das ciências sociais e da saúde, ao mesmo tempo em que se contribui para o enfrentamento de problemáticas reais.

Dado o exposto, as etapas acima descritas podem ser organizadas em ciclos de seis meses, conforme disposto na seguinte tabela:

*IMAGEM 4: MODELO DE CRONOGRAMA DE INTERVENÇÃO, ELABORADO PELOS AUTORES.

Fase da intervenção	1º Mês	2º Mês	3º Mês	4º Mês	5º Mês	6º Mês
Ambientação com o espaço escolar	X					
Compreensão	X	X				
Conscientização		X	X	X		

Ação			X	X	X	X
Registro de resultados						X

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não se conclui, visto que não propõe a exaurir a temática com esta investigação. Nesse sentido, busca-se promover subsídios para o surgimento de outros trabalhos afins, com vistas a reverberar a diminuição da ideação suicida ou dos índices de suicídios, sobretudo entre as novas gerações de jovens.

A partir de uma breve investigação teórica, por meio de revisão de bibliografia, foi possível constatar que o suicídio é um fenômeno que, embora antigo, tem demonstrado um crescimento demasiadamente elevado na contemporaneidade. Assume, inclusive, a liderança dentre as causas de mortes violentas.

Revisitando-se os escritos de grandes pensadores da sociologia de massas moderna, Émile Durkheim e Zygmunt Bauman, foi possível perceber que a teoria social que explicava a sociedade contemporânea já fornecera pistas que permitiriam compreender a razão estrutural da emergência do suicídio como fenômeno global. Dentre tais pistas, destaca-se o processo de complexificação social que acaba por enfraquecer os vínculos de solidariedade que unem os indivíduos, deslocando-os para uma solidão afetiva, mesmo em meio ao desenvolvimento pleno das tecnologias de comunicação. Assim, a Universidade deve assumir a missão social de enfrentar tal problemática, difundindo saberes úteis aos indivíduos, permitindo-lhes identificar a manifestação dessas tendências em seu entorno social e agir proativamente para dirimir suas consequências negativas.

Logo, a intervenção social levada a cabo pela Academia deve ser fomentada como meio de aquisição e consolidação de saberes científicos, por aproximar esta da sociedade de modo benéfico a ambos, permitindo a produção de conhecimento e melhoria da realidade social na qual ambos estão imersos. Portanto, as escolas assumem, assim, um papel central, por atuar na formação cidadã das futuras gerações, além de atingir um grande contingente populacional por meio do contato, seja direto ou indireto, com as famílias.

DESCUBRIENDO EL SUICIDIO EN ALAGOAS: UNA PROPUESTA DE INTERVENCIÓN EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo construir pautas para formar un modelo de intervención académica. El problema inicial es el aumento de los intentos de suicidio registrados por el sistema de salud en Alagoas. Por médio de investigación bibliográfica, se encontró una tendencia global hacia el aumento de casos de suicidio en todo el mundo, siendo considerada la principal causa de muertes violentas. También se ha visto que tal tendencia encaja en la lógica estructural de las sociedades actuales, según estudios realizados por los sociólogos Émile Durkheim y Zygmunt Bauman. Así, se entendió la necesidad de intervenir en los espacios escolares, por su primacía en la formación de generaciones de ciudadanos, y por el contacto con su entorno comunitario. Por lo tanto, se concluyó que la asistencia multidisciplinaria dirigida a los jóvenes en educación básica es indispensable, para que puedan ser conscientes y actuar de manera proactiva por la prevención del suicidio.

Palabras-clave: Suicidio. Alagoas. Educación básica.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Haward S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges e Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CHRISTANTE, Luciana. Com saída. **Unespciencia**, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 30-35 out. 2010.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio:** estudo de sociologia. Tradução de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ERSE, Maria Pedro Queiroz de Azevedo et al. Depressão em adolescentes em meio escolar: Projeto + Contigo. **Revista de Enfermagem em Referência**, Coimbra , v. 4, n. 9, p. 37-45, maio 2016.

FARIA, Ana Cristina Gomes Marques de. **Suicídio na adolescência**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC/GO, Goiânia, 2014.

LIMA, Rita de Cássia Pereira. Sociologia do desvio e interacionismo. **Tempo Social**, São Paulo, v.13, n.1, p.185-201, maio 2001.

MERTON, Robert King. **Teoria y estructura sociales**. Tradução de Florentino M. Torner e Rufina Borques. México: FCE, 2002.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 445-453, set./dez. 2015.

NETTO, Nilson Berenchtein. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. In: Conselho Federal de Psicologia. **Suicídios e os desafios para a psicologia**. Brasília: CFP, 2013. p. 15-24.

OLIMPIO, Eliana; MARCOS, Cristina Moreira. A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 498-512, set. 2015.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2821-2834, set. 2018.

SCAVACINI, Karen. **O suicídio é um problema de todos**: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, USP, 2018.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, dez. 2005.